

# Maria Regina Barcelos Bettiol

## O ANTIFRANCESISMO NO BRASIL

### RESUMO:

Se revisitarmos a História do Brasil, os franceses estiveram conosco desde os primórdios da nossa colonização, inegavelmente marcaram presença na vida brasileira, ainda que essa participação tenha sido de forma pontual, isto é, no século XIX através da Missão Artística (1816) e no século XX através da fundação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (1934) em São Paulo. A França protagonizou um papel de destaque em nossas artes e em nossa formação intelectual e teve, portanto, a sua participação em nossa história. Ao consultarmos os nossos documentos históricos, percebemos nitidamente a forma ambivalente que os brasileiros sempre reagiram em relação à cultura francesa: ora assimilando-a de forma acrítica, tentando implementá-la em território nacional sem uma reflexão mais profunda da nossa realidade, ora rejeitando-a de uma forma um pouco caricatural, ou seja, desvalorizando completamente o legado deixado pela França ao nosso país. Esse grande debate ideológico que mobilizou políticos e intelectuais, brasileiros e estrangeiros durante mais de um século, polarizou-se em duas correntes: uma adepta ao francesismo e outra, ao antifrancesismo. Em sendo assim, ao estudarmos as origens do antifrancesismo em nosso país, defrontamo-nos com um discurso que paradoxalmente sempre coexistiu com a apologia ao francesismo em suas expressões sociais, culturais, políticas e literárias, mas que, no início no século XX, tomou outros rumos dentro de uma nova configuração internacional.

**Palavras-Chave:** missão artística; francesismo; cultura; Estados Unidos.

\* Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS.  
E-mail: mrbettiol@yahoo.com.br

## ANTI-FRENCHISM

### ABSTRACT:

If we revisit the history of Brazil, French people have been with us since the dawn of our colonization. They undeniably marked presence in Brazilian life. Even though this participation had been in a timely manner, like in the nineteenth century through Arts Mission (1816) and in the twentieth century by the foundation of Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences (1934) in São Paulo. France staged a major role in our arts and our intellectual training and, therefore, had their participation in our history. When we consult our historical documents, we clearly perceive the ambivalent way that Brazilians always reacted in relation to French culture: sometimes assimilating it uncritically, trying to implement it in national territory without a deeper reflection of our reality, sometimes rejecting that somewhat caricatured, i.e. completely devaluating the legacy left by France to our country. This big ideological debate that mobilized politicians and intellectuals, Brazilians and foreigners for more than a century, became polarized into two streams: an adept to Frenchism and another to Anti-Frenchism. That being so, as we study the origins of anti-Frenchism in our country, we are faced with a speech that paradoxically always coexisted with the advocacy of Frenchness in their social, cultural, political and literary expression, but that in the early twentieth century took other paths within a new international configuration.

**Keywords:** artistic mission; frenchism; culture; USA.

## EL ANTIFRANCESISMO EN BRASIL

### RESUMEN:

Al revisar la historia de Brasil, los franceses han estado con nosotros desde los albores de nuestra colonización, sin lugar a dudas marcaron presencia en la vida brasileña, aunque dicha participación ha sido tan puntual, esto es, en el siglo XIX a través de la Misión Artística (1816) y en el siglo XX a través de la fundación de la Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas (1934) en São Paulo. Francia protagonizó un papel destacado en nuestras artes y nuestra formación intelectual y tuvo, por lo tanto, su participación en nuestra historia. Al consultar nuestros documentos históricos, percibimos claramente la forma ambivalente que los brasileños siempre reaccionaron en relación con la cultura francesa: sea asimilándola de manera acrítica, intentando implementarla en el territorio nacional sin una reflexión más profunda de nuestra realidad, ya sea rechazándola de forma un tanto caricaturizado, es decir, menospreciando el legado dejado por Francia a nuestro país. Ese gran debate ideológico que movilizó a los políticos e intelectuales, brasileños y extranjeros por más de un siglo, se polarizó en dos corrientes: una adepta al francesismo y otra al antifrancesismo. De ser así, mientras estudiamos los orígenes de la antifrancesismo en nuestro país, nos enfrentamos a un discurso que paradójicamente siempre coexistieron con la apología al francesismo en sus expresiones sociales, culturales, políticas y literarias, pero que, al principio del siglo XX, tomó otras direcciones dentro de una nueva configuración internacional.

**Palabras claves:** misión artística; francesismo; cultura; Estados Unidos.

QUANDO FALAMOS em cultura brasileira, temos sempre uma tendência em falar no singular, e, de forma homogênea, de uma fenômeno que é plural, complexo e heterogêneo. Nas palavras de Bosi (1992, p. 308), “estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro”. Nesse sentido, devemos lembrar que a cultura brasileira recebeu o influxo de outras culturas, entre elas, a cultura francesa.

Se revisarmos a História do Brasil, os franceses estiveram conosco desde os primórdios da nossa colonização. Em seu famoso livro *Um engenheiro francês no Brasil*, Gilberto Freyre (1960, p. 206) explica que o que ligou inicialmente a França ao Brasil foi o contrabando de madeiras: “os franceses madrugaram, sob forma de piratas, aventureiros e negociantes nas terras descobertas por portugueses”.

Mesmo que a França nos séculos XVI e XVII não tenha conseguido quebrar o domínio português, especialmente se lembrarmos das tentativas fracassadas da França Antártica (1555-1560) e da França Equinocial (1612-1614), os franceses tiveram contato com gente indígena em terras brasileiras, como nos informou Afonso Arinos de Mello Franco (1937) em seu célebre livro sobre o índio brasileiro e a Revolução Francesa.

Os franceses inegavelmente marcaram presença na vida brasileira, ainda que essa participação tenha sido de forma pontual isto é, no século XIX através da Missão Artística (1816) e no século XX através da fundação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (1934) em São Paulo. Como nos esclarece Schwarcz (2008), a França protagonizou um papel de destaque em nossas artes e em nossa formação intelectual, tendo, portanto, a sua participação na História do Brasil.

Ao consultarmos os nossos documentos históricos, percebemos nitidamente a forma ambivalente que os brasileiros sempre reagiram em relação à cultura francesa: ora assimilando-a de forma acrítica, tentando implementá-la em território nacional sem uma reflexão mais profunda da nossa realidade, ora rejeitando-a de uma forma um pouco caricatural, ou seja, desvalorizando completamente o legado deixado

pela França ao nosso país. Esse grande debate ideológico que mobilizou políticos e intelectuais, brasileiros e estrangeiros durante mais de um século, polarizou-se em duas correntes: uma adepta ao francesismo e outra ao antifrancesismo.

Ao estudarmos as origens do antifrancesismo em nosso país, defrontamo-nos com um discurso que paradoxalmente sempre coexistiu com a apologia ao francesismo em suas expressões sociais, culturais, políticas e literárias mas que no início no século XX tomou outros rumos dentro de uma nova configuração internacional.

Na história da cultura brasileira há um grande debate em torno do termo francesismo, muitas vezes usado como sinônimo de influência francesa. Para entendermos o que significou o antifrancesismo em nosso país, devemos inicialmente entender o que significou exatamente o francesismo e diferenciá-lo do conceito de influência francesa.

O conceito de francesismo desenvolvido por Álvaro Manuel Machado em seu livro *O Francesismo na Literatura Portuguesa* nos parece o mais pertinente. Mesmo que Álvaro Manuel Machado esteja se referindo ao fenômeno francesista em Portugal, o Brasil vivenciou experiência semelhante em relação à França primeiramente por sermos colônia de Portugal e, depois, quando a França tornou-se uma referência cultural no mundo, especialmente para jovens nações como o Brasil.

Para Álvaro Manuel Machado (1984, p.19), há uma diferença entre os termos francesismo e influência francesa, pois houve obviamente uma influência francesa na evolução da cultura portuguesa desde a Idade Média, mas o que o autor classifica como francesismo representa a fixação de uma imagem da França, da sua cultura em geral e da sua literatura em particular que começou a processar-se no século XVIII e que assumiu a sua plenitude no século XIX.

Em linhas gerais, Machado dividiu o fenômeno francesista em duas etapas: a primeira etapa corresponde ao “francesismo” romântico em que associamos a imagem da França à cultura iluminista e ao mito da Revolução Francesa, e a segunda etapa corresponde a um francesismo esteticamente e ideologicamente mais complexo já mais para o final do século XIX,

em que associamos a imagem da França à moda e aos costumes sociais.

A título de esclarecimento, devemos mencionar que Brito Broca (1960) e outros autores brasileiros adotaram o termo parisiense ao invés de francesismo por entender que o imaginário dos brasileiros era mais focado culturalmente e ideologicamente na cidade de Paris. Especialmente a cidade do Rio de Janeiro, que na época era o centro difusor da cultura brasileira, espelhava-se em Paris.

Contudo, desde o século XVI, encontramos vestígios de um discurso antifrancesista em nosso território. Podemos considerar que houve um primeiro movimento antifrancesista liderado pela Igreja Católica e pelos nossos representantes do poder local que seguiam as diretrizes de Portugal, um antifrancesismo que vigorou durante os primeiros séculos do Brasil Colônia. Conforme Moreira d’Azevedo (1892) em seu estudo sobre a *Instrução Pública nos Tempos Coloniais*, prevaleceu por muito tempo no Brasil Colônia o preconceito contra o idioma francês, considerado como língua de libertinos e ateus.

Temos ainda notícias, através das denúncias ao Santo Ofício e pelas depoimentos de viajantes, que a França e os franceses que viviam entre a população portuguesa não eram bem vistos. No dizer de Freyre (1960, p. 218): “Por mais que procurassem viver, ou simular viver, dentro da uniformidade portuguesa e católica de estilos de vida, alguns terão sido elementos de diferenciação no sentido francês”. Logo, no Brasil Colônia a língua francesa era considerada suspeita de heresia e o livro francês, pelas ideias que continha, uma ameaça à organização social e política da colônia.

Todavia, o antifrancesismo como discurso perdeu força e legitimidade com uma série de medidas que foram adotadas por D. João VI ao fazer a transferência de sua corte para o Brasil. Não vamos adentrar nesse pormenor histórico pois não se sabe ao certo se a ideia de trazer a Missão Artística Francesa ao Brasil foi propriamente uma iniciativa de D. João VI uma vez que alguns autores com Lilia Moritz Schwarcz (2008, p.176) questionam essa hipótese, mas o fato é que a língua francesa deixou de ser uma ameaça, ganhou prestígio de língua literária e diplomática o que permitiu a disse-

minação da cultura francesa no Brasil, principalmente entre as nossas elites.

Como sabemos, o projeto artístico idealizado por Joachim Lebreton foi muito importante para a urbanização da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Ribeiro (1996, p. 21), “a urbanização, apesar de criar muitos modos citadinos de ser, contribuiu para ainda mais uniformizar os brasileiros no plano cultural, sem, contudo, borrar suas diferenças”. Certamente, o urbanizar passou a ser sinônimo de “civilizar”, e mais do que isso, foi uma tentativa de homogeneizar os brasileiros do ponto de vista cultural.

Além de permitir o estudo da língua francesa, D. João VI trouxe um grupo de profissionais franceses de várias áreas que aportaram em nosso país: artistas, engenheiros, mestres, parteiras, comerciantes, cozinheiros, pasteleiros, modistas, retratistas, propagandistas de drogas, representantes de indústrias trazendo sua ciência, sua literatura e sua arte para o Brasil. Em poucas palavras, D. João VI trouxe, no dizer de Freyre (1960, p.228), “agentes de cultura mais vantojosamente aparelhados para impressionar o povo atrasado.”

Podemos rastrear a presença francesa não apenas através de documentos históricos, autobiográficos, relatos de viajantes, mas particularmente através dos anúncios de jornais em que atestamos como a presença francesa foi significativa no Brasil do século XIX. Encontramos anúncios de todos esses profissionais franceses ora anunciando os seus próprios serviços, ora respondendo aos apelos de uma elite brasileira que requisitava os seus serviços. Ao lermos esses anúncios fica mais do comprovado que os franceses souberam fazer propaganda do seu comércio, “vender” suas ideias, costumes e estilo de vida aos brasileiros.

O renomado historiador Nicolau Sevcenko, em seu texto a *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*, usou como fonte de pesquisa os textos publicados em jornais para avaliar o alcance da presença francesa no Brasil. Como afirma o autor (SEVCENKO, 1998, p. 535): “as elegâncias necessariamente deveriam ser francesas”, e menciona o “acréscimo simbólico com que as roupas e adereços de luxo importados fariam qualquer criatura “crescer”desproporcionalmente aos olhos da sociedade”.

Essa abertura política, econômica e cultural que D. João VI concedeu à França, teve continuação após a independência do Brasil pois houve uma necessidade de criarmos uma imagem diferenciada que nos dissociasse da imagem de Portugal. Dessa forma, o francesismo representou inicialmente para os brasileiros a busca de um modelo de identidade nacional. Ademais, no século XIX, a França em termos de contexto internacional era considerada o centro cosmopolita por excelência, o núcleo da cultura e da civilização europeia. O Brasil não foi, portanto, o único país a vivenciar esse fenômeno francesista em seu território.

Mas retornando ao caso específico do Brasil, o nosso panorama político pouco havia mudado em relação ao tempo do Brasil Colônia, no parecer de Chacon (1965, p. 16), “a França era festejada por reacionários e progressistas, como matriz intelectual donde importavam as ideias que convinham a cada grupo, embora por motivos diferentes”.

Entretanto, o avanço do comércio francês e de suas técnicas começou a ser um empecilho aos interesses econômicos nacionais fazendo com que uma nova onda ou, melhor dizendo, um segundo movimento antifrancesista ressurgisse no século XIX e tivesse a nossa imprensa como sua principal porta-voz. Passaremos em revista trechos de alguns desses polêmicos artigos publicados em nossos jornais.

Como é de conhecimento geral, em 1840, o Recife abrigava muitos franceses, no *Diário de Pernambuco* de 16 de novembro de 1841 um patriota mais exaltado protestou contra a intervenção estrangeira em nosso país, particularmente a intervenção dos franceses em nossos negócios: “Qual é o ramo de indústria por mais miúdo que seja não tenha sido tentado pelo Estrangeiro para tirar do Brasil todo o lucro imaginável?” (FREYRE, 1960, p. 284)

Outro jornal pernambucano, *O Carapuceiro*, em 1842 pronunciou-se contra o acentuado afrancesamento em que vivia Pernambuco: “Tudo se quer à Francesa” (FREYRE, 1960, p. 230) fazendo uma severa crítica ao presidente da província Francisco do Rêgo Barros que fora educado em Paris e transformara o Recife numa espécie de Paris nos trópicos.

O jornal *O Sete de Setembro* de 31 de outubro de 1845, acusou os “especuladores estrangeiros”, particu-

larmente os franceses, de tirarem os empregos dos brasileiros: “Como empregar-se no comércio ou dedicar-se às artes um brasileiro se “nossas cidades superabundão de ourives, de alfaiates, de pedreiros, de marceneiros, de tanoeiros, até de barbeiros de todas as partes do mundo?” (FREYRE, 1960, p. 284)

Já o jornal *O Regenerador Brasileiro* combatia abertamente o comércio europeu fosse ele português, inglês ou francês. Na esteira do jornal *O Regenerador Brasileiro*, a *Aurora Fluminense*, em 14 de fevereiro de 1828, queixou-se dos comerciantes franceses: “Que especie de capitães nos têm trazido os seus patrícios? Que negociantes, que especuladores, que grandes capitalistas têm vindo aqui estabelecer-se? Serão esses que enfeitam a rua do Ouvidor com os seus bonitos armazéns de modas e nouveautés?” (FREYRE, 1960, p. 285)

Essa oposição patriótica em relação aos franceses, encontrou ressonância na famosa *Revolta da Praieira* também denominada como *Insurreição Praieira* ou *Revolução Praieira* que ocorreu em Pernambuco entre 1848 e 1850 e foi tão bem estudada por Izabel Andrade Marson (2009). Esse episódio bastante controverso da História do Brasil não se resume apenas a um movimento antilusitanista mas antieuropeu. Portanto, também podemos classificá-lo de antifrancesista.

Mas um dos responsáveis por essa campanha antifrancesista que ganhou espaço em nossos jornais foi o ilustre professor da Faculdade de Direito do Recife, o senhor Tobias Barreto. Germanista convicto, Barreto foi uma figura importante da história cultural do Brasil, o referido autor (2000, p.19) costumava dizer que “os pensadores alemães, em quase todos os domínios da inteligência, andavam dez anos, pelo menos, adiante dos franceses”.

Essa corrente germanista liderada por Barreto, tentou quebrar a forte influência francesa na vida cotidiana e intelectual dos brasileiros, e conquistou alguns adeptos, entre eles, Silvio Romero. Contudo, a campanha de Tobias Barreto não foi forte o suficiente para combater o discurso francesista reinante. Dito de outra forma, a apologia ao francesismo persistiu em nossa literatura e em nosso cotidiano, por muito tempo

Vimos anteriormente que principalmente a questão econômica foi um dos vetores do antifrancesismo

em nosso país mas agora vamos nos deter mais detalhadamente nas vertentes francesista e antifrancesista no campo intelectual brasileiro. Sabemos que, com a independência do Brasil, era preciso buscar não somente a nossa identidade política mas também cultural. Dessa maneira, a fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897 foi um dos primeiros passos para conquistarmos a nossa tão sonhada autonomia literária.

Criada aos moldes da Academia de Letras Francesa, a nossa Academia Brasileira de Letras, no dizer de Broca (1960, p. 46), “se havia constituído pelo modelo francês da Casa de Richelieu”. Ainda tentou-se fazer uma réplica da Academia Goncourt que acabou fracassando, mas todas as duas instituições foram criadas tendo como referência instituições francesas.

Ao lermos a correspondência trocada entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, e que foi organizada por Graça Aranha (2003), tomamos conhecimento das preferências literárias não apenas dos dois escritores em questão mas de toda uma geração. A verdade é que as nossas prateleiras estavam repletas de obras francesas e os autores portugueses foram sendo substituídos por renomados autores franceses como Anatole France, Paul Bourget, Guy de Maupassant, entre vários outros, que representaram uma fonte de inspiração para os nossos escritores e para os movimentos literários brasileiros, especialmente o romantismo.

A intelectualidade brasileira vivia dessa nostalgia de Paris, estava totalmente intoxicada de “parisina”, num deslumbramento em relação à Paris. Conforme Broca (1960, p. 92-93), “o chique era mesmo ignorar o Brasil.” Mas a despeito de resistências, de oposições, de todo o discurso antifrancesista que circulava no Brasil daquela época, a *Belle Époque* que se prolongou no ambiente intelectual brasileiro só iria ser abalada depois da guerra com o movimento modernista.

Apesar da formação intelectual francesa, quem destoava de seus pares era Euclides da Cunha: um dos poucos, senão o único, a interessar-se pelo Brasil. E seu discurso não era nem de subordinação intelectual em relação à França, nem antifrancesista, mas um discurso que hoje podemos chamar de intercultural.

No dizer de Broca (1960, p. 100), em uma carta endereçada a Alberto Rangel datada de 20 de setem-

bro de 1908, declarou Euclides da Cunha: “Quem sabe se eu não poderia lecionar a História sul-americana em Paris?(...)Querida comunicar a civilização europeia o nosso americanismo, uma relação de troca e não subordinação”.

Mas nem todos os escritores brasileiros estavam de acordo com esse francesismo exagerado. Em seu livro intitulado *Cinematógrafo*, o escritor João do Rio retomou o discurso antifrancesista em suas crônicas, denunciou o que chamou de “epidemia francesa” em nosso país. Entre muitas das suas crônicas, vale destacar duas crônicas que sintetizam essa discussão.

Em uma crônica denominada *Chers Confrères*, João do Rio (2009, p.162) expressa, através da voz de uma das suas personagens, a ganância dos franceses sempre movidos pela cobiça e pela ambição de fazer dinheiro fácil no Brasil. Essa crônica é interessante pois desmistifica a supremacia intelectual dos franceses, inclusive diz o quanto os franceses eram ignorantes em relação à cultura de outros povos.

A segunda crônica, intitulada “*Quando o Brasileiro descobrirá o Brasil*”, de tom mais incisivo, João do Rio criticou, desta vez, a ignorância dos brasileiros sempre ridiculamente afrancesados e sem o menor conhecimento das coisas nativas. João do Rio (2009, p. 197), mais uma vez, na voz de uma personagem estrangeira, referiu-se aos brasileiros da seguinte forma: “Todos os seus compatriotas conhecem Paris como se lá tivessem estado, e ignoram por completo o caminho mais simples para ir a um arrabalde.”

Dito de outra forma, o brasileiro preocupava-se em conhecer tudo sobre a França mas não sabia quase nada sobre o seu próprio país, ignorava a sua própria identidade. Cabe aqui fazer uma pequena observação e mencionar que crítica semelhante fora feita por Eça de Queirós (1925) em seu artigo *O francesismo* publicado no livro *Últimas Páginas*, em que investe contra a dominação francesa na Literatura Portuguesa.

O fato era que a Literatura Brasileira estava se desnacionalizando pelo excesso de francesismo. O que se observou a partir daí foi uma espécie de polarização no ambiente intelectual brasileiro. De um lado, os francesistas (na sua grande maioria escritores que faziam parte do romantismo), defendendo que a nossa lite-

ratura se pautasse pelas formas literárias francesas e, de outro, uma corrente antifrancesista de base nacionalista, representada principalmente pelos escritores modernistas e que se posicionou claramente contra a dependência da Literatura Brasileira às formas literárias francesas, duas correntes antagônicas que partiram para um enfrentamento ideológico.

No século XX, o discurso antifrancesista começou a ganhar maior visibilidade não apenas nos meios acadêmicos mas também fora do território brasileiro. Candido de Figueiredo defendeu a preservação da língua portuguesa como nosso maior patrimônio cultural. Em seu livro *Estrangerismos*, Figueiredo declarou o incalculável dano que as leituras francesas causaram às letras portuguesas no decurso do século XIX.

Em sua peregrinação pelas literaturas de Portugal e do Brasil, Figueiredo (1938,p.10) registrou o que classificou de “ervas daninhas”, ou seja, galicismos: “como nos veio da França a maior parcela dos barbarismos que maculam ou pretendem macular o nosso idioma.”

Ainda no dizer de Figueiredo (1938, p.11), a língua portuguesa estava contaminada por galicismos inúteis e absurdos que deveriam ser expurgados do nosso amplo e rico patrimônio lexicológico, que faz um grande apelo aos dicionaristas e escritores que evitassem o “império do abat-jour” ou seja, pediu-lhes que aportuguesassem as palavras, que procurassem achar palavras correspondentes na língua portuguesa.

Porém, o grande arauto do antifrancesismo no Brasil foi sem dúvida alguma o escritor Monteiro Lobato, ainda que em sua crítica ferrenha persista uma atitude emocional e, às vezes, um tanto exagerada. A crítica virulenta de Lobato sempre em tom de um nacionalismo exacerbado desqualifica totalmente a cultura francesa. O escritor (1959,p. 8) denunciou o que chamava de “podridão do chique”, a invasão das palavras francesas e dos costumes franceses em nosso país.

Na visão de Lobato (1959, p. 24), a sociedade brasileira não tinha uma fisionomia própria. A exemplo de João do Rio, combateu a falta de originalidade dos brasileiros sempre em imitar a cultura francesa. O autor criticou o snobismo do brasileiro em tentar copiar a França, atitude esta que classificou de “macaque fran-

cesa,” enquanto temas nacionais eram menosprezados e precisavam ser explorados.

Em outras palavras, Lobato (1959, p. 45) defendeu a ideia de uma estética oficial, o Brasil precisava organizar o seu 7 de setembro estético, em que o estilo deveria ser criado em função do meio e não ser uma cópia servil da literatura, das artes, da arquitetura e da moda francesa, o que acabava tornando a nossa arte uma mera cópia, uma caricatura da arte francesa. Em suma, para Lobato, a arte brasileira precisava “brilhar com luz própria”.

Na mesma linha de reflexão de Monteiro Lobato outro intelectual brasileiro, Wilson Martins, considerou em sua análise o francesismo reinante nesse período como um fator de alienação desnacionalizadora. Martins (1978,p.215) fez duras críticas ao comportamento dos brasileiros que chamou de *aliadófilos*, ou seja, substancialmente afrancesados, fascinados pela língua francesa. Criticou um modelo de sociedade que não correspondia à nossa realidade e que, portanto, não poderia ser aplicado da forma como vinha sendo aplicado sem nenhuma reflexão em relação ao nosso contexto histórico e social.

Não resta dúvida, que a campanha antifrancesista organizada pelos nossos escritores modernistas contribuiu para a perda da hegemonia francesa em nosso território. Entretanto, a perda dessa hegemonia deve-se principalmente pela mudança do cenário internacional, mudanças de ordem global que provocaram uma nova reordenação política e social no Brasil. Pouco a pouco, o francesismo foi sendo substituído pela cultura norte-americana com a chamada “penetração ideológica” embora inicialmente o nosso primeiro contato com uma país de língua inglesa tenha sido com a Inglaterra.

Em seu clássico *Inglese no Brasil* (1977), Gilberto Freyre afirma que a Inglaterra teve um papel essencial na transferência da corte de D. João VI para o Brasil da mesma maneira que houve o predomínio britânico no comércio e na orientação da linha de conduta do nosso governo seja através de uma interferência política direta ou indiretamente através de investimentos econômicos feitos no Brasil, o fato é que a Inglaterra rivalizou e limitou a participação econômica da França em nosso país.

Mas como aludimos anteriormente, a questão preponderante que provocou o declínio econômico e cultural da França no Brasil, quanto em outros países, foi a emergência dos Estados Unidos como uma potência econômica o que redesenhou o mapa do poder no mundo.

Nas palavras de Moura (1984, p. 8), desde 1940 os Estados Unidos estabeleceu com a América Latina e, particularmente com o Brasil, a política de boa vizinhança, embora a sua presença fosse anterior a essa época pois o Estados Unidos já se fazia presente sobretudo através do cinema de *Hollywood*, que já definia valores e ampliava mercados.

Portanto, essa penetração ideológica não se restringiu a relações e problemas culturais mas também a conquista de mercado que vem se intensificado ao longo dos séculos. O resultado dessa “tão bem sucedida” política de penetração ideológica dos Estados Unidos foi que a cultura norte-americana e seu “estilo de vida” hoje fazem parte da vida coletiva dos brasileiros.

Já nos encaminhando para as nossas considerações finais, pudemos perceber nessa grande discussão entre os adeptos do francesismo e do antifrancesismo, que essa discussão é o reflexo de uma cisão que existia no país, uma cisão que foi fruto de uma interpretação diferenciada em relação à França e a aplicação de seu modelo cultural à nossa realidade

Podemos dizer que a análise do antifrancesismo passa obviamente pela questão da interpretação do que vem a ser a “autenticidade cultural brasileira”. Dito de outra forma, ao discutirmos a questão da hegemonia francesa, ao tentarmos impor um certo limite à essa hegemonia, estávamos procurando traçar o perfil da nossa própria identidade cultural.

Mais do que ajudar a entender o impacto das relações entre Brasil e França, o discurso antifrancesista ajuda-nos a entender a nossa própria formação cultural. A cultura francesa foi inquestionavelmente uma das culturas europeias que contribuíram para a formação do pensamento brasileiro. O antifrancesismo como discurso foi eficiente em denunciar uma relação assimétrica entre a cultura dominante representada pela França com pretensão à universalidade e a cultura dos

dominados que tentavam reproduzi-la em nosso país sem nenhuma reflexão.

O antifrancesismo foi um discurso de combate, um contraponto ao francesismo exagerado, demonstrando que a presença da França em nosso território não se deu de forma tão pacífica, pois provocou inúmeras tensões e conflitos dividindo a opinião pública brasileira. O antifrancesismo caracterizou-se como um discurso de resistência, foi uma bandeira em busca de um Brasil mais genuíno e que recusou a utopia de querer transformar o Brasil em uma continuação da França em terras brasileiras, um discurso de reafirmação da nossa soberania, da nossa independência política e cultural em relação à outras nações.

Em sendo assim, a cultura francesa ligou-se de maneira particular a vários aspectos, não só públicos e urbanos como íntimos e rurais, da vida brasileira. A presença da cultura francesa no desenvolvimento do Brasil, no conjunto da civilização brasileira, e o discurso antifrancesista que sempre coexistiu com essa presença, não podem ser ignorados pelo brasileiro interessado na compreensão e na interpretação do Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Graça (Org). *Correspondência*. Machado de Assis/ Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2003.

BARRETO, Tobias. *Estudos de Direito*. Campinas: Bookseller, 2000.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana de arte moderna*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CHACON, Vamirech. *História das Ideias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

D' AZEVEDO, M.D. Moreira. A instrução pública nos tempos coloniais. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol.55,n.02,1892.

FIGUEIREDO, Candido. *Estrangeirismos*. 5ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1938. vol.1.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937

FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1940. (Coleção Documentos Brasileiros, 26).

FREYRE, Gilberto. *Inglês no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. (Coleção Documentos Brasileiros, 58).

LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jéca Tatú*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

MACHADO, Álvaro Manuel. *"O francesismo" na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1984.

MARSON, Izabel Andrade. *Revolução praieira*. Resistência liberal à hegemonia conservadora em Pernambuco e no Império (1842-1850). São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978. vol.6.

MOURA, G. *Tio Sam chega ao Brasil, a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUEIRÓS, Eça de. O francesismo. In: *Últimas páginas*. Porto: Chardron, 1925.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIO, João do. *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto, vol.87).  
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João (1816-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio In: NOVAES, Fernando (Coord. Geral) e SEVCENCKO, Nicolau (Org.do vol). *História da vida privada no Brasil*. vol. 3 República: da Belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## O AUTOR

**Maria Regina Barcelos Bettiol** Graduada em Letras pela PUC-RS (1994). Mestre em Literaturas Francesa e Francófonas pela UFRGS (1998). Doutora em Letras (*Littérature Générale et Comparée*) pela Université Sorbonne Nouvelle Paris III (2008) e Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS (2008). Pós-doutorada em Teoria da Literatura pela Universidade de Coimbra (2014). É Membro integrante do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa e membro da ANPOLL (GT de Literatura Comparada). Atualmente, é pesquisadora CAPES PNPd (área de concentração Literatura Comparada) na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). E-mail: mrbettiol@yahoo.com.br

